

QUEM CUIDA DE MIM

Por Alberto Nascimento



Dona Ione beira os 75 anos. É branca, alta e revela face a face o quanto o tempo passou. Não entende de assistência, mas frequenta um CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, na eternidade de uma comunidade rural no fim do mapa do Brasil, sul do sul.

De sobrenome estrangeirado e cabelos longos levemente tratados, me olha como se visse um E.T. Desconfia dos meus movimentos mais simples e analisa tudo pela ótica do estranhamento. Concorde em participar da pesquisa que lhe proponho como tributo ao técnico de referência do CRAS que me levou até ela, mas parece insegura por ainda não saber ou entender inteiramente do que se trata.

No primeiro momento, recusa o que pensa que é. Confundindo o celular em que armazeno as informações com um gravador, avança com intenso sotaque regional: gravação? Tô fora! Desfeito o engano, avisa que não fala de política nem de suas particularidades. Diz isso com tom desafiador.

Deixo-a bem à vontade para conversarmos, se quiser, sem que seja feita a pesquisa. Ou que simplesmente não precisemos continuar, afinal há muitas outras senhoras naquele SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos destinado a idosos.

Sendo uma das poucas vezes que isso ocorreu nos últimos quatro anos, o PDEC – Programa Direito e Cidadania da PAULUS atende um público diferente do usual em nossas caminhadas pelo país. Normalmente lidamos com

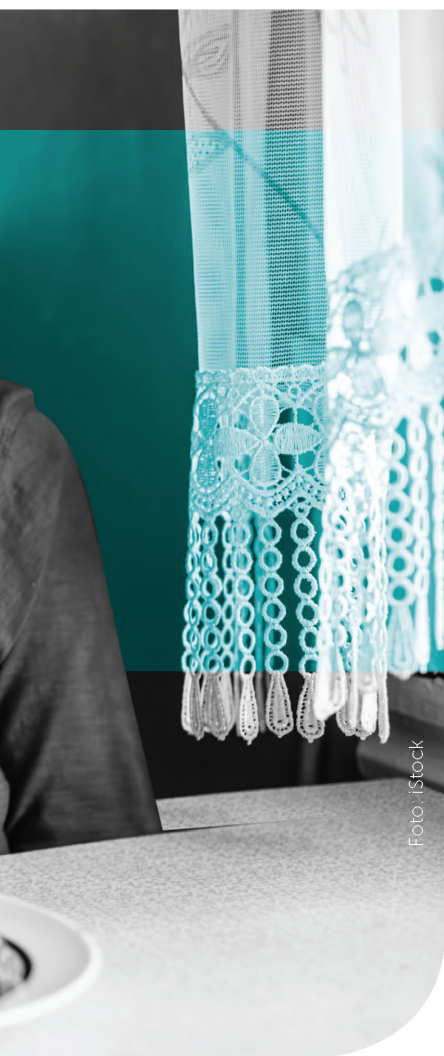


Foto: iStock

O PDEC – Programa Direito e Cidadania da PAULUS atende um público diferente do usual em nossas caminhadas pelo país.

crianças e adolescentes que nos respondem às 31 questões do formulário do Monitoramento das atividades.

Nessa comunidade rural, o PDEC contribui com o CRAS volante do município que faz chegar ali um dos tentáculos da Política Pública de Assistência Social. A equipe de referência reúne dois grupos de senhoras e poucos senhores. Quase nenhum perto do número animado de mulheres entre 50 e 85 anos que falam sem parar, riem e cochicham enquanto especulam para que serve nossa presença ali.

A existência de um equipamento de Assistência Social naquela localidade é um marco dos avanços que essa legislação trilhou nos últimos dez anos. Milhares de CRAS foram instalados em todo o país, a despeito das condições aquém das desejáveis e as razões para que isso fosse feito. A legislação amarrou o repasse de alguns recursos públicos à obrigação do poder público local de fazer funcionarem tais serviços.

Dona Lone, com a autoridade e protagonismo esperado, decide que quer, sim, participar da pesquisa, talvez para descobrir “seus reais interesses” ou atestar em seu grupo mais tarde sua altivez diante do desconhecido.

À medida que o questionário lhe é apresentado, aos poucos sua rudeza aparente se desfaz. Quando pergunto sobre quem cuida dela ou com quem pode contar na sua vida, debulha uma psicanálise indevida e estica o assunto para além da conta. Diz que precisa falar mais, que o mundo está virado de ponta-cabeça e que sua descendência só vive de celular e dedinho nervoso nos telefones.

Dona Lone, que vive ainda da agricultura e tem rádio convencional, representa uma geração em transformação na sociedade brasileira. Isso não significa que não esteja satisfeita e com pulmões protegidos pela pureza do ar que respira a poucos quilômetros do mar aberto. Que despreze a eficácia das ervas curativas e saboreie as hortaliças retiradas do quintal. Pelo contrário. Isso certamente é seu bem maior. Sua história e seu sentido de vida.

Ali, naquele lugar, o conjunto da obra em que a Assistência Social precisa especializar-se cada vez mais para contribuir com essas pessoas é mais que evidente. Aprende-se naquele flagrante como o poder público e a sociedade civil precisam criar canais de convivência que tenham como missão captar o humanismo das relações presenciais e calorosas próprias dos vínculos históricos das pessoas.

Identificar e preservar as vicissitudes geracionais, geográficas e de costumes que compõem o país e seu povo: o PDEC da PAULUS estimula isso nos textos dos livros que somam seu kit de apoio aos SCFV, o que faz a diferença em uma Organização Social de Assessoramento ali.

Dona Lone, ao término do questionário, de cenho algo mudado e ar contrito, pergunta num misto de alegria e resignação: já acabou?!

Alberto Nascimento é jornalista e colaborador da Assistência Social PAULUS.